



## A Amazônia de Paulo Jacob: as fronteiras da “fronteira-mundi”

*Paulo Jacob’s Amazon: the frontiers of the “frontier-mundi”*

Karina Marques

Université Rennes II, Rennes / França

kcmarx81@gmail.com

**Resumo:** A obra de Paulo Jacob (1921-2004), escritor manauara de origem judaica sefardita, oferece-nos um retrato extremamente rico da Amazônia brasileira na época gomífera como um espaço dinâmico, simultaneamente cobiçado e negligenciado, no centro de interesses geopolíticos e econômicos tanto no âmbito nacional quanto internacional. Dentro desse contexto, o romance *Vila Rica das Queimadas* (1976), foco do nosso estudo, permite-nos interpretar o território amazônico como a alegoria geopoética da fronteira. Para isso, o conceito de “fronteira-mundi”, proposto pela geógrafa brasileira Bertha Becker, será usado como chave principal de análise, a fim de compreendermos a complexidade da Amazônia jacobiana, espaço de entre-dois entre o local e o global, origem e devir, encarnando o desafio identitário brasileiro e aquele do próprio narrador, Nagib. Inspirado na identidade fronteiriça do caboclo, Jacob esboçará uma solução a esse dilema.

**Palavras-chave:** Amazônia; fronteira; Paulo Jacob; borracha; Bertha Becker; caboclo.

**Abstract:** The work of Paulo Jacob (1921-2004), a writer from Manaus of Sephardic Jewish origin, offers us an extremely rich picture of the Brazilian Amazon as a dynamic space during the rubber boom, which was coveted and neglected at the same time and at the core of both geopolitical and economic interests at the national and international level. Within this context, the novel *Vila Rica das Queimadas* (1976), the focus of our study, allows us to interpret the Amazonian territory as the geopoetic allegory of the border. In order to do so, the concept of “fronteira-mundi”, proposed by the Brazilian

geographer Bertha Becker, will be used as the main key in the analysis attempting to understand the complexity of the Jacobian Amazon, which is an in-between space between the local and the global, the origin and the future, embodying the Brazilian identity-building challenge and that of his own narrator, Nagib. Inspired by the bordering identity of the *caboclo*, Jacob will sketch a solution to this dilemma. .

**Keywords:** Amazon; border; Paulo Jacob; rubber; Bertha Becker; *caboclo*.

## Introdução

Da vasta obra romanesca de Paulo Jacob, composta por 14 romances publicados entre 1964 e 1999, uma imagem geopoética sobressai: aquela da fronteira. Fronteira no sentido em que Bertha Becker a concebeu, “fronteira-mundi”, “termo [...] proposto para designar um espaço de grande valor estratégico para a economia-mundo – desde a sua formação até agora –, o que explica a constante interferência de forças externas na região e a dificuldade de integrá-las aos Estados nacionais até hoje”.<sup>1</sup> O conceito de “fronteira-mundi” amplia, assim, a imagem da Amazônia para além daquela dos confins selvagens de um território natural limítrofe com os países vizinhos, realçando-a como palco alargado do encontro do Brasil com muitas nações atuantes em diversos papéis na economia mundo, ao longo da história. Ele suscita, ainda, um questionamento sobre o lugar ambíguo que a região ocupa dentro do imaginário nacional: símbolo maior de brasilidade, enquanto patrimônio natural cobiçado pelo exterior, e terra “à margem da história”<sup>2</sup> e das grandes conquistas civilizacionais. A relação do Brasil com a Amazônia seria, portanto, condicionada pelo olhar exterior.

Becker explica que a região amazônica possui um passado histórico e geográfico diferente daquele do Brasil após a colonização, sendo “marcado por expedições, pirataria e uma maior abertura ao exterior”, o que a coloca no cerne das questões identitárias brasileiras, estando o fator geopolítico na base de construção de um imaginário

---

<sup>1</sup> BECKER. Por que a participação tardia da Amazônia na formação econômica do Brasil?, p. 202.

<sup>2</sup> Título da obra póstuma de Euclides da Cunha (1909), reunindo artigos publicados em revistas e jornais da época, baseados na sua experiência como chefe da missão exploradora do Alto Purus. Nessa obra, o autor denunciou a exploração dos seringueiros na floresta amazônica.

nacional, regional e cultural local. Simultaneamente, numa posição vanguardista em “contato contínuo com os grandes avanços da ciência e da tecnologia que impulsionaram desde o século XV a economia mundo” e numa posição de “periferia exportadora de recursos [...] servindo a interesses externos à região, sejam estrangeiros, sejam de outras regiões do país”,<sup>3</sup> a Amazônia de Jacob encarna geopoeticamente uma relação paradoxal do Brasil consigo mesmo.

A abordagem geopoética que proponho em minha análise pretende constituir-se, nos termos de Keneth White, como

uma tentativa de renovar a cultura, de criar um novo espaço cultural voltando à base sobre a qual tentamos viver, a própria Terra. Trata-se de estabelecer com esses “fundos” a relação mais sensível, mais inteligente, mais sutil possível. Em seguida, de encontrar a linguagem dessa relação. [...] A geopoética abre um campo novo nas ciências, na filosofia, na literatura e nas artes plásticas. Ela visa, na realidade, a criação de um novo “grande campo” geral, além das compartimentações estabelecidas.<sup>4</sup>

No romance *Vila Rica das queimadas* (1976), o dilema da “fronteira-mundi” entre interior e exterior está representado na busca identitária do personagem Nagib. Dividido entre a afinidade com a cultura cabocla e o peso das raízes sírias, a vida na hinterlândia amazônica ou na cosmopolita Manaus da *belle époque* gomífera, Nagib faz um percurso iniciático em busca do seu lugar no mundo que se confunde com o próprio ato narrativo. Filho de imigrantes sírios instalados na região amazônica durante o primeiro ciclo da borracha, ao contar a saga familiar, conta-se a si mesmo: “Gente subindo e descendo o cais do porto. Vapores de várias das estranjas. [...] Manaus parecia a terra dos outros. [...] Manaus

---

<sup>3</sup> BECKER. A ciência frente a atuais projetos para a Amazônia brasileira, p. 3.

<sup>4</sup> “Une tentative de renouveler la culture, de créer un nouvel espace culturel, en revenant à la base sur laquelle nous essayons de vivre, la Terre même. Il s’agit d’établir avec ce «fonds» le rapport le plus sensible, le plus intelligent, le plus subtil possible. Ensuite, de trouver le langage de ce rapport. [...] La géopoétique ouvre un champ nouveau dans les sciences, dans la philosophie, dans la littérature et les arts plastiques. Elle vise en fait à un nouveau «grand champ» général, au-delà des cloisonnements établis” (WHITE. *Lexique géopoétique*, p. 17, tradução minha).

crecendo às custas dos outros?”.<sup>5</sup> A tensão coletiva aqui sugerida entre a usurpação do território e a sua construção conjunta, no que se refere à coabitação entre brasileiros e estrangeiros, percorre toda a narrativa, numa reflexão pessoal sobre a fronteira traçada entre o eu e o outro. A questão parece também se aplicar a Nagib, pois o pai Jamil, verdadeiro herói da história, é presença de tal forma centralizadora, que ofusca a ação do filho. Este conta as aventuras de seu progenitor em solo brasileiro, escondendo-se, no papel de narrador homodiegético, por detrás dessa imagem modelar. É apenas com a morte do pai que Nagib consegue se assumir como protagonista.

Paulo Herban Maciel Jacob (1921-2004), escritor manauara de origem judaica sefardita, também empresta a sua voz para contar uma saga que não é aquela de seu povo. Dedicava, generosamente, o seu romance à “colônia sírio-libanesa, pioneiros fenícios da integração da Amazônia”. Contribui, assim, para alargar o olhar sobre a história da época gomífera e sobre a região amazônica de forma geral. Foi, no entanto, esquecido no panorama literário brasileiro, apesar de possuir três de seus romances entre os finalistas do maior concurso literário da época, o Walmap (*Chuva branca*, 1967, 4º lugar; *Dos ditos passados nos acercados do Cassianã*, 1969, 2º lugar; e *Vila Rica das Queimadas*, 1976, 2º lugar). Marcos Frederico Krüger, professor e crítico literário, afirma que diversas obras do autor fazem parte do “cânone regional”.<sup>6</sup>

Diplomado em Direito pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), exerceu a sua carreira de magistrado em várias cidades do interior desse estado, assim como na capital Manaus. Esse conhecimento íntimo do sistema jurídico brasileiro e do meio político do seu estado natal permitiu-lhe denunciar na sua obra a corrupção dos políticos regionais e a negligência do governo federal para com as populações amazônicas.

A paixão pelo conhecimento, por sua terra e sua gente, explica ainda o seu percurso como professor e pesquisador. Lecionou Direito durante 10 anos na Universidade Federal do Amazonas. Além disso, foi membro do Instituto Geográfico e Histórico do Estado do Amazonas (IGHA), da Academia de Letras Jurídicas desse estado e, a partir de 1971, tornou-se um imortal da Academia Amazonense de Letras.

---

<sup>5</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 7.

<sup>6</sup> KRÜGER. *Amazônia: mito e literatura*, p. 13-14.

Sensível à cultura do caboclo amazônico e à sua linguagem particular, publicou ainda um *Dicionário da Língua Popular da Amazônia* (1985). A representação literária desse falar regional está presente em todos os seus livros, de tal forma que Assis Brasil afirma que “o seu mundo linguístico é colorido e traiçoeiro, é também a significação em valor social do sofrido homem da selva amazônica”.<sup>7</sup> O escritor Macedo Miranda diz ainda que “pelo trabalho de artista e artesão, a Amazônia fica devendo a Paulo Jacob o mesmo que o sertão das Minas Gerais deve a Guimarães Rosa”.<sup>8</sup> A mesma comparação à obra roseana é ainda tecida por Jorge Amado, em carta enviada a Paulo Jacob:

A grandeza fundamental da obra do Rosa provém da vida que ele criou, do mundo que ele recriou, aquele mundo que fica nas divisas sertanejas de Minas e Bahia [...] a carne e o sangue do homem brasileiro que está em seus livros. O mesmo pode ser dito a teu respeito. Fala-se muito no trabalho de linguagem efetuado em teus livros, notável sem dúvida na reconstrução de uma língua literária nascida da língua do povo amazônico. Penso contudo que o mais importante na criação da saga jacobiana é a vida, o povo, o homem amazônico em sua verdade, em sua miséria, em sua grandeza que o “juiz das leis” restaura e recria e incorpora à nossa geografia literária.<sup>9</sup>

A essa “geografia literária” brasileira foram incorporadas por Jacob as várias fronteiras representadas pela “fronteira-mundi” amazônica: aquela do local, remetendo-nos à hinterlândia amazônica, espaço físico e cultural da identidade cabocla cujo falar popular é reconstruído pelo autor; a do regional, com as suas particularidades naturais e históricas e os seus problemas políticos internos associados à questão fundiária e ecológica; a do nacional, no papel da Amazônia para a economia, geopolítica e cultura brasileira e na sua função dentro do imaginário nacional; e a do mundial, da ação do mercado internacional influenciando a dinâmica econômica e social no âmbito regional e nacional (fluxos migratórios inter-regionais, hierarquia entre as cidades amazônicas, urbanização

---

<sup>7</sup> JACOB. *Tempos infinitos*, orelha.

<sup>8</sup> JACOB. *Tempos infinitos*, orelha.

<sup>9</sup> JACOB. *Tempos infinitos*, orelha.

acelerada das capitais regionais Manaus e Belém, dependência econômica do extrativismo de produtos silvícolas, etc.).

Simultaneamente, vanguardista e periférica; terra de confins e porto de aventureiros, de refúgio e de invasão; bastião ecológico e fonte de inovação científica; símbolo maior de brasilidade e “terra dos outros”, a Amazônia jacobiana representa, assim, a dualidade dinâmica encarnada na imagem da fronteira, como explica Bertha Becker:

[A fronteira] contém os elementos essenciais do modo de produção dominante e da formação econômica e social em que se situa, mas é um espaço não plenamente estruturado, dinâmico, onde as relações e as práticas não assumem o grau de cristalização comum em outras circunstâncias, e, portanto gerador de realidades novas e dotado de elevado potencial político.<sup>10</sup>

### **A viagem iniciática de Jamil/Nagib do exterior para a Amazônia profunda**

*Vila Rica das Queimadas* é, assim, um texto de questionamento político sobre como garantir a preservação dos valores locais dentro de um projeto coletivo alargado, tocando as várias fronteiras da “fronteira-mundi” amazônica. No cerne dessa reflexão está a figura do caboclo, encarnação da complexidade amazônica e de seu complexo enquanto periferia do Brasil e do mundo. Na obra jacobiana, o caboclo é tanto aquele que vive fora da modernidade quanto o homem que vive além do tempo, no conhecimento dos visíveis e invisíveis da terra. Assim, a literatura jacobiana, à imagem daquela de Rosa, pode ser chamada de “super-regionalista”, pois “ultrapassados o pitoresco e o documentário” dos retratos da Amazônia, ora como inferno verde, ora como eldorado tropical, o que fica é a “universalidade da região”.<sup>11</sup>

Tal como Rosa, Jacob caminha em direção a uma relação telúrica autêntica do homem com o seu meio para focalizar o que de mais humano possuímos. A ação do romance em *Vila Rica das Queimadas* não avança,

---

<sup>10</sup> BECKER. Significância contemporânea da fronteira: uma interpretação geopolítica a partir da Amazônia brasileira, p. 67.

<sup>11</sup> CÂNDIDO. *A educação pela noite e outros ensaios*, p. 160-161.

entretanto, rumo à terra natal perdida. Parte, em sentido oposto, do abandono de Hama até o vilarejo amazônico de Vila Rica das Queimadas. No percurso de exílio de Jamil, a urbe manauara é um episódio de vida passageiro, durante o qual foi vítima da peste que assolava a cidade e da opressão “legalizada” dos coronéis da borracha: “Pai de preso, diz que [*sic*] nas razões da lei brasileira. Ofensas a coronel, crime do pior calunioso”.<sup>12</sup> Agredido na prisão em Manaus, Jamil decide abandonar o seu trabalho como vendedor ambulante rumo a uma aventura silvícola como regatão, a bordo do “Flor da Síria”. O episódio do cárcere encerra a primeira parte do livro, “Allah Akbar”, associada à partida da Síria e aos primeiros passos no Brasil, ainda cercado pela comunidade sírio-libanesa, para dar início à segunda parte, “Maria Rita dos Festejos de Santos”, voltada ao interior amazônico e à cultura cabocla. Em Vila Rica das Queimadas, Jamil encontra um porto de paragem, no qual se integra à população local e encontra o amor nos braços de Dona Zita, afastando-se sentimentalmente da esposa Zarife, deixada em Manaus. A trajetória desse personagem é, assim, reveladora de um desejo de pertencimento à sua terra de acolhida (“fincar moradia”, “fincar bandeira”), apesar do estigma da sua condição de estrangeiro:

Marzão aberto, alonjos topando céus. Pai de evindo pro Amazonas, mãe na companhia. A borracha fartando dinheiro. Falações muitas, paragem de ganho fácil. [...] A Síria distanciada. Hama naqueles perdidos estirões. Fincar moradia em telhado alheio, pior coisa. [...] Mãe molhava a noite [...] Evir ao Amazonas não achava dos conformes.<sup>13</sup>

Faladios, escutos, turco carregava muita doenceira./ Turquinho ladrão igualmente ao pai.<sup>14</sup>

Na brigança do Acre, foi de boa garantia. Não sendo da paragem, entrou no questium das terras. Arrumou rifle, balas, remédios, meteu-se braboso na deixa. No ocasiame da tomada, ajudou a fincar bandeira. O Brasil é nosso! Nós brasileiros tomamos da terra! Olhos chorados, abraçadio mais os da companhia.<sup>15</sup>

<sup>12</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 61.

<sup>13</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 3

<sup>14</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 7, 12.

<sup>15</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 27.

Percebido inicialmente sob o signo da ameaça por sua condição de estrangeiro, Jamil é destituído de identidade e reduzido ao genérico generalizador “turco”, alcunha também transmitida ao filho. No entanto, diferentemente da esposa Zarife, atada às recordações da sua Síria natal e protegida no conforto da capital junto à comunidade sírio-libanesa, Jamil empreende uma viagem pela hinterlândia amazônica profunda, pelos caminhos trilhados pelos seringais. Viagem iniciática da qual nunca mais regressará. Com ele, segue também o filho.

Ao romper a Revolução Acreana, em 1899, as fronteiras entre brasileiros e imigrantes diluem-se em prol de um projeto de nação alargada, acolhendo todos os heróis da saga do “ouro negro”, dentre os quais alguns estrangeiros e muitos seringueiros nordestinos. Jamil sente-se, nesse momento, brasileiro também, ainda que tal sentimento seja efêmero. Nesse sentido, é relevante lembrarmos que o grande ícone da República do Acre foi um estrangeiro, o espanhol Luiz Gálvez Rodríguez de Arias, enviado em missão pelo governador do estado do Amazonas, Ramalho Júnior. Foi ele também o responsável por revelar o acordo do governo boliviano com o Bolivian Syndicate – truste anglo-americano organizado em Londres, em 1901, que possuía capital majoritariamente americano, e era dirigido por um primo do então presidente Theodore Roosevelt. O governo federal, no entanto, preferiu durante muito tempo manter boas relações diplomáticas com a Bolívia, enviando tropas à região do conflito para dissuadir os rebeldes brasileiros. Mais do que a não aceitação da soberania boliviana, o povo local insurgiu-se contra a dominação do capital internacional representado pelo Bolivian Syndicate, cujos poderes não se limitavam a monopolizar a produção e exportação da borracha, mas também a cobrar impostos e atuar com poderes de polícia. Apenas quando de uma nova missão armada a nível regional, aquela do governador Silvério Néri, com o militar gaúcho José Plácido de Castro no comando, o presidente Rodrigues Alves decidiu-se por apoiar a revolução. O então Ministro das Relações Exteriores, o barão de Rio Branco, assina o Tratado de Petrópolis, em novembro de 1903, colocando um ponto final na questão do Acre. As consequências desse tratado transformaram-se, no entanto, num fardo pesado: indenização de 110 mil libras esterlinas, para que ingleses e norte-americanos da Bolivian Syndicate desistissem do contrato, e a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, a ferrovia da morte, a fim de garantir o escoamento da produção boliviana pelo rio Amazonas. O Acre, no entanto, apenas consegue o estatuto de estado em 1962.

Se esse episódio histórico aponta para uma dissolução das fronteiras entre cidadãos nacionais e estrangeiros, unidos numa luta comum, ele revela, no entanto, uma fronteira nacional interna Norte/Sul: “sírio, libanês, português, nordestino, quem alargou ofereceu garantia, segurança à terra. O Amazonas no pior abandono, quase mandando o inglês. O governo não ligava à terra da borracha”.<sup>16</sup> Esse trecho faz uma possível alusão ao Bolivian Syndicate, denunciando o descaso do governo federal com relação à região amazônica, protegida, ironicamente, pelos forasteiros e nordestinos, estes oriundos de uma região também negligenciada. Márcio Souza denuncia uma “defasagem constante” entre o Norte e o Sul do Brasil: “enquanto o Sul amadurecia, promovendo a manifestação interna da economia competitiva, inicialmente de uma maneira tímida, e depois com rápidas mudanças, num processo que se completaria em 1930, os amazonenses viviam mergulhados no delírio da monocultura”.<sup>17</sup>

O “delírio da monocultura” de que fala Souza foi provocado pela “interferência de forças externas na região e a dificuldade de integrá-las” em um plano maior de desenvolvimento nacional, como explica Becker. De forma paradoxal, ao mesmo tempo em que a economia da borracha marginaliza a Amazônia dentro do Brasil, utilizando o pretexto da sua inserção no mercado global, é o próprio povo amazônico que reivindica o seu pertencimento ao corpo nacional que o abandona. Apesar da complexidade das questões internacionais envolvidas no território amazônico, observamos, portanto, uma vontade de pertencimento ao corpo nacional a partir da experiência local. Nordestinos, caboclos, imigrantes, todos têm em comum a vivência amazônica construída dentro de um imaginário partilhado de brasilidade. Assim, no episódio histórico da Revolução Acreana, a ocupação efetiva da terra impõe-se, portanto, ao pertencimento teórico, geopolítico. O Norte e o Sul divergem, assim, com relação ao Brasil que desejam criar, remetendo-nos à “figura liminar do espaço-nação” proposta por Homi Bhabha que

asseguraria que nenhuma ideologia política pudesse reivindicar autoridade transcendente ou meta-física para si. A razão disso é que o sujeito do discurso cultural – a agência do povo – está cindido entre a ambivalência

---

<sup>16</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 8.

<sup>17</sup> SOUZA. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*, p. 138-139.

que emerge da disputa pela autoridade narrativa entre o pedagógico e o performativo.<sup>18</sup>

Ao acatar a “agência do povo” amazônico, o governo federal aceita um outro discurso sobre a história de formação do território brasileiro, no qual os seringueiros, muitos deles fugidos da miséria do sertão, tornam-se heróis. Arthur Cezar Ferreira Reis afirma que “foi façanha dos nordestinos o Xingu, o Tapajós, o Guaporé-Mamoré, o Purus e o Juruá, com os respectivos grandes e pequenos afluentes, como aconteceu no caso do Acre, que é uma operação dos cearenses”.<sup>19</sup> Eis que se ergue mais uma fronteira na “fronteira-mundi” amazônica, aquela que separa a miséria do sertão nordestino e a ilusão de fortuna do “ouro negro” do Norte. Linha imaginária, revelando-se de fato como um prolongamento da exploração humana por outros coronéis. Regiões que se unem num Norte expandido que contrasta com o Brasil meridional do Sul/Sudeste, aquele da “economia competitiva”, nos termos de Souza.<sup>20</sup> Nesse sentido, Jacob retrata, no interior de uma embarcação fluvial, ainda antes da chegada efetiva dos trabalhadores nordestinos aos seringais, a fronteira social que se demarcará entre seringueiros e seringalistas: os coronéis de barranco, na primeira classe, e “na terceira, miuçalha de gente ajuntada. Estivado de povo da seca. Leva de brabo chegante, destinação de seringal.”<sup>21</sup>

### **Caboclo: identidade fronteiriça, resistência e transformação**

Reis, no mesmo capítulo do livro citado, “O caboclo e o nordestino. Afinidades, distâncias e atitudes em face do ambiente”, analisa esta fronteira cultural interna. Ele descreve o caboclo amazônico como: “um produto típico das forças telúricas. [...] A floresta e as águas não lhes oferecem segredos. [...] vagarosos, aparentando displicência [...] Dóceis,

<sup>18</sup> “The liminal figure of the nation-space would ensure that no political ideologies could claim transcendent or metaphysical authority for themselves. This is because the subject of cultural discourse - the agency of a people -is split in the discursive ambivalence that emerges in the contest of narrative authority between the pedagogical and the performative” (BHABHA. *The Location of Culture*, p. 148, tradução minha).

<sup>19</sup> REIS. *O seringal e o seringueiro*, p. 117.

<sup>20</sup> SOUZA. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*.

<sup>21</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 35.

meio ausentes, falam com brandura e escassamente. [...] Os nordestinos são um temperamento vibrante, varonil.<sup>22</sup>

Essa visão dicotômica, cindindo os dois tipos regionais, é também recorrentemente representada nas ficções da borracha. Tal discurso justificaria o recrutamento de nordestinos em regiões tocadas pelas secas para constituir a mão de obra dos seringais. Sistema de trabalho semiescravo que se aproveitava da fragilidade desses homens solitários e deslocados, atados a dívidas insoldáveis com o patrão, que começavam com a própria viagem. Lucilene Gomes Lima explica que

a vinda dos imigrantes nordestinos constituía uma dupla solução para os governos do Norte e Nordeste: aumentava a oferta de mão-de-obra nos seringais amazônicos e diminuía o excedente populacional no Nordeste, que aumentara com o desenvolvimento da economia algodoeira no século XIX.<sup>23</sup>

A fronteira regional transformou-se, portanto, em passarela de escoamento populacional, num sistema de compensação demográfica que ignorava as reais condições de vida desse fluxo humano no seu destino.

Esse discurso sobre o vagar e displicência do caboclo amazônico é também manipulado para justificar a presença alóctone na região. Assim fala a personagem Zarife: “Caboclo é gente ruim esmoreça. Quem faz a terra, sírio, libanês, português, coronel da siringa (*sic*)”.<sup>24</sup> No seu estudo sobre a identidade cabocla, a antropóloga Carmen Izabel Rodrigues aponta para

a dificuldade de se chegar a uma única definição ou sentido do termo *caboclo*: ora o termo aparece como uma representação, uma categoria de *atribuição pelos outros* (brancos, não-caboclos), ora o termo torna-se mais “empírico” e “fixo”, referindo-se a pequenos produtores familiares da Amazônia. Entre os diversos significados atribuídos ao termo, predomina um sentido pejorativo.

---

<sup>22</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 118-119.

<sup>23</sup> LIMA. *Ficções do ciclo da borracha: A Selva, Beiradão e O amante das Amazonas* p. 40.

<sup>24</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 14.

[...] uma identidade reificada pela negação, como alguém que está fora do lugar (da modernidade contemporânea).<sup>25</sup>

A dificuldade de definição da categoria “caboclo” está representada no discurso dos personagens jacobianos. Ora ela é apresentada pelo seu viés claramente relacional – e negativo – no discurso dos brancos autóctones, absorvido pelos alóctones como estratégia de integração (Zarife); ora numa ambiguidade discursiva entre o relacional e o empírico (Jamil/Nagib), em referência aos moradores do interior com os quais passam a se relacionar. No caso destes personagens, o fascínio exercido pela figura do caboclo, em contraposição ao cidadão manauara, poderia denunciar o viés relacional dessa categoria, tomada sempre pelo seu aspecto positivo: “– Vamos dali reparar o boi? [...] Uma caboclada a mais animosa. Chapéu de pano brilhante, espelhos de enfeitados. Duns com aquelas mantas compridas, bonitas. Doutros enfeitados de penas, na comparação índio”.<sup>26</sup>

Na festa do boi-bumbá em Vila Rica das Queimadas, a tradição nordestina trazida pelos migrantes é transformada à luz da cultura indígena local. A “caboclada” descrita por Nagib é, portanto, uma categoria fronteira, entre os “espelhos” do colonizador e as “penas” dos ameríndios. Há, entretanto, apesar do fascínio, um aprendizado por Nagib, ao longo de todo o romance, da complexidade encarnada pela figura do caboclo. A isso se deve o seu amor por Maria Rita, “cabocla viçada de corpo, bonita que é”.<sup>27</sup> Justamente por ser “um produto típico das forças telúricas”, nos termos de Reis, essa personagem feminina é a encarnação das forças naturais que condensam a capacidade de transformação e de resistência, contrariamente às imagens de resignação e de passividade atribuídas ao caboclo. Em oposição ainda à ideia de que “a floresta e as águas não lhes [caboclos] oferecem segredos”, o caboclo de Jacob é aquele que acredita que “mata tem invisível”.<sup>28</sup>

Jamil ganha o respeito dos caboclos de Vila Rica das Queimadas pelo seu trabalho como regatão, fundamental no transporte entre as capitais regionais e os vilarejos recônditos na selva. Se esse imigrante sírio se torna mensageiro de algumas instituições governamentais, ele

<sup>25</sup> RODRIGUES. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença, p. 122.

<sup>26</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 104.

<sup>27</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 102.

<sup>28</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 127.

é também submetido ao poder dos coronéis, devido à fragilidade de sua condição de estrangeiro. Assim, na disputa eleitoral do município entre o coronel Secundino, representante do governo estadual, e o coronel Libânio, símbolo do poder local, Jamil vê-se encurralado:

Na muita precisão, pai não cobrava. O caboclo chegava carecido, dinheiro nenhum. / Regatão juntava gente, levava necessitados a caboclo. Como que igual drogaria, taverna, casa de ferragem, mercado, correio. Oficiado de juiz, delegado, ordenados das leis. Mandações de prender, soltar, chamar testemunha.<sup>29</sup>

Pai na favoração de coronel Libânio.

– Largue dessa besteira. Eu sou brasileira (*sic*) de Codajás.

– Turco devia era votar no governo.

– Jamil só vota em quem acaba com besteira de tirar patente. [...]

Bom de avisar o coletor. Olha já, gente das estranhas contrariando o governo. Cabo Catunda tendo conhecença, adoma o turco.<sup>30</sup>

Jamil prefere o poder castrador do coronel Libânio, conhecedor do município, a um poder arbitrário e corrupto, imposto do exterior, do qual ele mesmo foi vítima. É, portanto, do lado da hinterlândia amazônica e da sua gente esquecida que o personagem decide ficar, fingindo ser brasileiro para ter direito ao voto. E é nas entranhas aquáticas do Solimões que acabam os seus dias, vítima de um naufrágio por não ser “crendeiro nos invisíveis”.<sup>31</sup> Finda-se, portanto, do lado do caboclo amazônico, ainda que lhe faltasse a compreensão da “terceira margem do rio”, tomando a imagem roseana.

Depois da morte do pai, Nagib decide abrir um comércio fixo em Vila Rica das Queimadas: “Manaus nunca mais. Vila Rica das Queimadas, paragem de boa vivença. Terrão alegrado, bonito. Maria Rita, risante festejos do Solimões”.<sup>32</sup> Não possuindo, no entanto, a mesma capacidade de compreensão da mentalidade do homem local, não ganha o respeito da sua clientela. Seu comportamento é percebido pelos caboclos sob o signo da ostentação da cidade: “Axi turquinho luxento! [...] Seu Jamil homem de muita educação. Conversava mais nós no bom tratado. [...]

<sup>29</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 137, 98.

<sup>30</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 121.

<sup>31</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 139.

<sup>32</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 125.

Trazia cachaça boa, só mais servir o freguês. Um esse filho dele, nem queira saber. Quer logo o pago da bebida”.<sup>33</sup>

Apaixonado por Maria Rita, grávida de um filho seu, Nagib não consegue desatar os laços citadinos com a esposa Mariuma, filha de um coronel da borracha manauara. Casamento este que era apoiado pelo pai, Jamil: “É do conselho fazer de acompanho a Mariuma. Ficar em Manaus mais a mulher. O pai está bastante braboso”.<sup>34</sup> E idealizado pela mãe, Zarife, que nunca quis sair da capital, identificando-se com o espírito dessa Paris dos trópicos: “Manaus enricando, pávula, orgulhativa. [...] ruas bonitas, alargadas, calçamento vindo das estranhas. [...] Como está a turca Zarife metediça a gente das posses. Passa por pessoas da conhecença, nem dá das horas”.<sup>35</sup>

Ao declinar a responsabilidade de oficializar o seu relacionamento com Maria Rita, encarnação de um hibridismo cultural associado à identidade cabocla, Nagib faz uma opção não pela mulher, Mariuma, mas pelo imaginário urbano que ela representa. Durante a época gomífera, uma hierarquia muito forte foi construída entre as capitais regionais, Belém e Manaus, e as demais cidades da região. Maria Rita representa a “segunda Amazônia”<sup>36</sup> de Djalma Batista, aquela sempre fronteiraça, servindo de ponto de apoio em comida e bens de primeira necessidade na passagem fluvial entre a capital e os centros extrativos do látex. Assim como Jamil, é na “terceira margem” do rio dessa sua “segunda Amazônia” que ela termina os seus dias, carregando no ventre o que seria o legado da sua marginalização.

A opção pelo “desaparecimento” dessa personagem e de seu filho pode ser assim interpretada como um projeto jacobiano de não adesão ao discurso político de miscigenação cultural no cerne da identidade brasileira. Discurso este que instrumentaliza figuras femininas como nos grandes clássicos literários nacionais, tais como *O guarani* ou *Iracema* de José de Alencar. Assim, o renascimento pela água em Jacob propõe uma releitura do mito americano de Morency, no qual a resistência cabocla seria o surgimento de uma nova consciência de brasilidade:

---

<sup>33</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 150.

<sup>34</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 124.

<sup>35</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 7-8, 57.

<sup>36</sup> BATISTA. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*, p. 86.

[...] o mito americano, no seu sentido de modelo ou de engrama, e na sua acepção mais alargada, ou seja, transnacional, teria tendência a se fundir no crisol formado por uma “história” exemplar e paradigmática: aquela [...] do renascimento, [...] maravilhosamente ilustrada pelo encontro singular do homem e do Novo Mundo.<sup>37</sup>

A Maria Rita de Jacob não é, portanto, instrumento para construção do mito brasileiro da nação multicultural. Ela torna-se, ao contrário, mito em si, unindo-se à força do “invisível”, revalorizando, portanto, a cultura cabocla, pois, como explica Mircea Eliade, “o mito se torna o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas”.<sup>38</sup>

Maria Rita zangosa, desquerente voltar do namoro. [...] Casado metediço, se dê entrás da sua mulher. [...] desapareceu no rebojo. [...] Até doje decerto ninguém sabe o destino da cabocla. Cunhantã tão boa, morrer nos perversos de cobra. [...] Maria Rita, dos arrais de Santo, das festas de ronqueira, noites de São João. A cunhantã de cheiro da mata, peixe, maresio, floração de igapó.<sup>39</sup>

A imagem da cobra remete-nos a “Cobra-Norato” ou “Cobra Honorato”, “conto mítico de alta percentagem mestiça”<sup>40</sup> que conta a história de um rapaz encantado por uma serpente que, em noites de arraial, se despia da pele de cobra para ir se divertir. Ora, Maria Rita, por seu odor fluvial e sua presença constante nas festas populares dos vilarejos locais, pode ser interpretada como uma versão feminina do mito. Câmara Cascudo afirma que “o Sr. Francisco Peres de Lima, no seu *Folclore acreano*, p. 110/111 (Rio de Janeiro, s/d, 1938) registra um episódio da Cobra Grande tomando a forma de uma mulher bonita e

<sup>37</sup> “le mythe américain, dans son sens de modèle ou d’engramme, et dans son acception la plus large, c’est-à-dire transnationale, aurait tendance à se fondre dans le creuset formé par une “histoire” exemplaire et paradigmatique: celle de la métamorphose [...] de la renaissance [...] merveilleusement illustré par la rencontre singulière de l’homme et du Nouveau Monde.” (MORENCY. *Le Mythe américain dans les fictions d’Amérique de Washington Irving à Jacques Poulin*, p. 12, tradução minha).

<sup>38</sup> ELIADE. *Mito e realidade*, p. 13.

<sup>39</sup> JACOB. *Vila Rica das Queimadas*, p. 157.

<sup>40</sup> CASCUDO. *Geografia dos mitos brasileiros*, p. 279.

voltando, depois de descoberta, como Melusina ao corpo horrendo”.<sup>41</sup> O “desaparecimento” de Maria Rita nas águas amazônicas sugere, ainda, uma outra imagem feminina, desta vez literária, a *Ofélia* shakespeariana. Podemos assim dizer, à luz do pensamento de Gaston Bachelard, que as águas amazônicas se “ofelizam”, pois “na sua morte, parece que os afogados flutuando continuam a sonhar”.<sup>42</sup>

É por essa imagem geopoética híbrida de resistência do caboclo na sua relação autenticamente telúrica com a terra amazônica, na percepção de seus visíveis e invisíveis, que devemos compreender a proposta de Jacob ao dilema da “fronteira-mundi” de Becker. A geógrafa, assim, constata que “nessa economia comandada de fora, a cultura e o saber indígena e caboclo permaneceram”.<sup>43</sup> A resistência do caboclo, segundo Rodrigues, está na sua particularidade como

categoria mediadora entre o dentro e o fora, o interior e o exterior, e não pode ser apreendida em termos de descontinuidades e rupturas, conceituais ou práticas, entre um espaço regional e um tempo colonial, e os espaços e tempos pós-coloniais, translocais e transnacionais. [...] a identidade cabocla é uma fronteira sempre em movimento – de expansão ou retração – [...] ao dar significados à sua experiência de margens e movimentos, o caboclo pode enfim auto-constituir-se como uma fala.<sup>44</sup>

O entre-dois caboclo é a “terceira margem do rio”, lugar de resistência transformadora para o homem amazônico, tomada de consciência do poder do patrimônio intercultural/natural do qual é resultado.

### Considerações finais

Através da figura do caboclo, Jacob recusa não o pertencimento à “modernidade contemporânea”, mas a marginalização da Amazônia e de seu povo, para descobrir a autossustentabilidade da região através de seu

---

<sup>41</sup> CASCUDO. *Geografia dos mitos brasileiros*, p. 282-283.

<sup>42</sup> “dans la mort, il semble que les noyés flottant continuent à rêver” (BACHELARD. *L'Eau et les rêves. Essai sur l'imagination de la matière*, p. 102, tradução minha).

<sup>43</sup> BECKER. *A urbe Amazônida: a floresta e a cidade*, p. 47

<sup>44</sup> RODRIGUES. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença, p. 128.

“capital natural”.<sup>45</sup> Ele reivindica, assim, um novo lugar para a Amazônia tanto no cenário mundial, como dentro do Brasil e do imaginário de identidade brasileira, além das dicotomias vanguarda/periferia e eldorado tropical/inferno verde.

Tornando-se porta-voz dessa “fala” cabocla, que também é a sua enquanto narrador, Nagib constrói-se como sujeito de sua própria enunciação, num processo iniciático pelo qual lhe é revelada essa “terceira margem”, representada por Maria Rita, libertando-se do peso de suas origens (Jamil/Zarife) e de um possível devir (Mariuma).

A construção de um romance inteiramente escrito na “língua popular amazônica” aponta, ainda, para um projeto jacobiano que realça as fronteiras linguísticas entre o popular e o erudito, reivindicando, também para a região amazônica, um lugar para esse registro de linguagem dentro do panorama literário brasileiro. Assim, por sua resistência linguística, *Vila Rica das Queimadas* situa-se também numa “terceira margem” enunciativa.

## Referências

BACHELARD, Gaston. *L'Eau et les rêves*: Essai sur l'imagination de la matière. Saguenay: Les Classiques des Sciences Sociales, 2016. Disponível em: <[http://classiques.uqac.ca/classiques/bachelard\\_gaston/eau\\_et\\_les\\_reves/eau\\_et\\_les\\_reves.html](http://classiques.uqac.ca/classiques/bachelard_gaston/eau_et_les_reves/eau_et_les_reves.html)>. Acesso em: 18 jan. 2018.

BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia*: análise do processo de desenvolvimento. Manaus: Valer, Edua, Inpa, 2007.

BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. Londres: Routledge, 1994.

BECKER, Bertha K. A ciência frente a atuais projetos para a Amazônia brasileira. In: POLÍTICA Ambiental, Movimentos Sociais e Ciência para a Amazônia Brasileira, 2009, Chicago. *Conferências...* Chicago: University of Chicago. p. 1-30. Disponível em: <<http://amazonia.uchicago.edu/pt/becker.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

BECKER, Bertha K. *A urbe Amazônida*: a floresta e a cidade. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2013.

---

<sup>45</sup> BECKER. Geopolítica da Amazônia, p. 72.

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 71-86, jan.-abr. 2005. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000100005>

BECKER, Bertha K. Por que a participação tardia da Amazônia na formação econômica do Brasil? In: ARAÚJO, Tarcisio Patricio de; VIANNA, Salvador Teixeira Werneck; MACAMBIRA, Júnior (Org.). *50 Anos de formação econômica do Brasil: ensaios sobre a obra clássica de Celso Furtado*. Rio de Janeiro: IPEA, 2009. p. 201-228.

BECKER, Bertha K. Significância contemporânea da fronteira: uma interpretação geopolítica a partir da Amazônia brasileira. In: AUBERTIN, Catharine (Org.). *Fronteiras*. Brasília: Editora da UnB; Paris: ORSTOM, 1988. p. 60-89.

CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global, 2012. Versão digital.

CUNHA, Euclides. *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

JACOB, Paulo. *Tempos infinitos*. São Paulo: Imago, 1999.

JACOB, Paulo. *Vila Rica das Queimadas*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1976.

LIMA, Lucilene Gomes. *Ficções do ciclo da borracha: A selva, Beiradão e O amante das Amazonas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

KRÜGER, Marcos Frederico. *Amazônia: mito e literatura*. Manaus: Valer, 2003.

MORENCY, Jean. *Le Mythe américain dans les fictions d'Amérique de Washington Irving à Jacques Poulin*. Québec: Nuit Blanche Éditeur, 1994.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O seringal e o seringueiro*. Manaus: Serviço de Informação Agrícola, 1953.

RODRIGUES, Carmen Izabel. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 9, n. 1, p. 119-130, jun. 2006.

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

WHITE, Keneth. Lexique géopoétique. *Poésie 98*. Paris, n. 74, p. 15-17, out. 1998.

Recebido em: 30 de janeiro de 2018.

Aprovado em: 5 de junho de 2018.